

ENTREVISTA

LUZ TRÊMULA

O risco de faltar energia dobrou devido à política conduzida por Malan, “um ministro desvairado”. Mas há saída, diz o físico Luiz Pinguelli Rosa

LIANA MELO

No início dos anos 90, o físico Luiz Pinguelli Rosa alardeava previsões negativas para o setor elétrico brasileiro. O vice-diretor da Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) dizia, na época, que o governo não deveria jogar suas estatais de energia às feras da era privatista sem uma forte retaguarda estatal. Patrimônio estratégico para qualquer país, a energia jamais poderia ser vista como mercadoria ao sabor das Bolsas de Valores. Aos 58 anos, Pinguelli não fica dizendo: “Bem feito, eu bem que avisei”, agora que o governo, diante da situação crítica do abastecimento de energia, elaborou um plano de racionamento. Para Pinguelli, ainda há tempo para mudanças de rumo do governo, que reduziu o sistema elétrico brasileiro a mais um item de negociação com os credores externos. “Estamos nesta situação em consequência da política que entregou aos estrangeiros as decisões do setor elétrico”, diz Pinguelli. O físico, em rota de colisão com o ministro das Minas e Energia, Rodolfo Tourinho, desde o apagão de março do ano passado, não poupa críticas ao governo. Em entrevista a ISTOÉ, Pinguelli disse que o Ministério da Fazenda é um “perigo para a nação” porque o mi-



PINGUELLI: “Tourinho reclamou de mim, mas não tenho de obedecer a ministros”

nistro Pedro Malan, um “completo desvairado”, não pensa em mais nada além do controle da inflação.


ISTOÉ – O País vive uma crise energética?

Luiz Pinguelli Rosa – Infelizmente sim. O governo não se preocupou com a expansão do setor elétrico quando iniciou seu programa de privatizações. Ele só pensou no aspecto monetário-econômico. Ou seja, a privatização do setor elétrico não foi feita para resolver o problema da energia elétrica e sim para atender exigências de acordos internacionais como os assinados com o Fundo Monetário Internacional. Hoje, o risco de déficit do setor subiu de 5% para

mais de 10% e continua disparando. É que os níveis de água nas hidrelétricas caíram abaixo do indispensável para permitir a operação com risco aceitável. O governo inclusive já tem um plano, batizado de Plano de Corte Seletivo, para evitar outros apagões como o do ano passado. A idéia é cortar energia de forma seletiva.

ISTOÉ – Os novos empresários do setor são os responsáveis por esta crise elétrica?

Pinguelli – Eu diria que o problema é do governo, que saiu do setor e passou toda a responsabilidade para o investidor privado. Ele transformou a energia elétrica em um bom negócio e o investidor pri-

INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte ISTO É
 Data 21/6/2000 Pg 12
 Class. 25

vado saiu comprando. É um dogma dos economistas liberais. Para eles, o mercado é capaz de regular tudo, cabendo ao governo apenas cuidar para o mercado funcionar bem. A idéia era que, com a privatização, haveria uma atração de investimentos e o negócio energia elétrica iria tomar o lugar do serviço público energia elétrica. Cheguei a ouvir certa vez de um diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que energia elétrica é uma mercadoria comum como outra qualquer, assim como um móvel. A idéia básica é a seguinte: se falta, a oferta cresce; se sobra, a oferta diminui. Só que em energia elétrica não funciona bem assim. É preciso tomar decisões antecipadamente. As hidrelétricas, por exemplo, levam cerca de cinco anos para entrar em operação, e as termoeletricas, no mínimo três anos. Quando o governo federal decidiu tomar uma decisão, já era tarde demais.

ISTOÉ – O governo dá sinais de que vai rever sua posição?

Pinguelli – O governo já confessou publicamente que o modelo adotado não deu certo. Tanto assim que voltou atrás e está planejando o Programa Emergencial de Termoeletricas, envolvendo 49 usinas. A primeira começa a ser implantada no dia 31 de julho. Isso é uma confissão de erro. Aqui no Brasil sempre nos levam a pensar que lá fora as privatizações foram iguais às daqui. Isso não é verdade. Os Estados Unidos, por exemplo, que são o país mais privatizado do mundo, têm uma capacidade hidrelétrica instalada estatal maior que o total da geração brasileira. A hidreletricidade americana está nas mãos de grandes e pequenas empresas públicas. Até o Exército americano gera energia elétrica.

ISTOÉ – Na sua opinião, como se comportaram as empresas depois de privatizadas?

Pinguelli – A Light, por exemplo, cuidou mal da distribuição. Não é à toa que sofremos, no Rio de Janeiro, um sério problema de energia elétrica. A empresa dispensou muita gente após a privatização e perdeu a sua memória técnica. A Light era uma empresa cheia de gatos. Só que lá houve uma arrogância estrangeira imensa. Em geral, as empresas privatizadas são assumidas por

pessoas que pensam que sabem muito. Só que nem sempre é assim. O sistema brasileiro tem suas particularidades.

ISTOÉ – O sr. quer dizer que outras empresas elétricas aumentaram o preço da tarifa depois de privatizadas?

Pinguelli – Exatamente. Furnas gera uma energia hoje a R\$ 35 o megawatt/hora. A minha conta de luz, paga mensalmente à Light, está em torno de R\$ 213 por megawatts/hora. No próximo dia 31 entrará em operação o Programa Emergencial de Termoeletricas. São um total de 49 usinas e o custo de energia para estas termoeletricas vai girar em torno de R\$ 75, ou seja, o dobro do preço cobrado por Furnas.

ISTOÉ – Quando surgiram os primeiros sinais da crise elétrica?

A adoção do Programa Emergencial de Termoeletricas já é uma confissão de erro

Nos levam a pensar que lá fora as privatizações foram iguais às daqui. Isso não é verdade. Nos EUA, até o Exército gera energia

Pinguelli – O primeiro sinal foi o apagão de março do ano passado. Oficialmente, ele teria sido motivado por um relâmpago. Chegou-se a divulgar que o raio teria caído sobre uma estação de transformadores da Companhia Estadual de São Paulo (Cesp), em Bauru, São Paulo. Depois de uma olhada no mapa de descargas elétricas registradas diariamente por um sistema de detecção bastante eficiente, comprovamos que, naquele dia, não havia caído nenhum raio a menos de 50 quilômetros de Bauru. Queda de raio ocorre com frequência em dias de chuva, tanto assim que existem os chamados pára-raios. O problema é que o sistema estava totalmente vulnerável. Só para dar uma idéia: a diferença entre a capacidade e o pico de consumo deve girar

em torno de 15% ou mais para ter segurança, e esta diferença baixou para pouco menos de 5%. Estou falando apenas do sistema Centro-Sul.

ISTOÉ – Depois de muita briga interna, o governo parece ter chegado a um consenso, definindo um modelo diferente do habitual para privatizar Furnas. O sr. concorda com a sistemática anunciada, de pulverização das ações?

Pinguelli – Mas qual é o modelo? Até agora não ficou muito claro qual é exatamente a proposta do governo para privatizar Furnas Centrais Elétricas. Parece que existe um conflito de interesses dentro do próprio governo. Apesar das disputas internas, acho positivo o fato de o governo ter aberto essa discussão. Comprovou-se, na prática, que não existe um caminho único. Estamos vivendo esta crise energética porque o governo errou na sua política de privatização na área elétrica. O governo foi cego em relação aos problemas técnicos da disponibilidade de energia no País. No passado, quando alertávamos para os problemas atuais, as autoridades costumavam negar a crise e insistiam em elogiar o modelo privatista. Agora, o governo mudou de posição: primeiro, reconheceu a crise e depois, admitiu que não pode repetir o erro ao vender Furnas.

ISTOÉ – E quanto à proposta específica de vender pulverizando as ações da empresa?

Pinguelli – A simples pulverização poderá dar margem a que um grupo volte a ter o controle da empresa, comprando ações estratégicas. É preciso ter no acordo de acionistas um dispositivo que impeça isso. Nossa proposta era algo parecido com o modelo francês adotado pela empresa petroquímica ELF Aquitaine. Lá, os acionistas que compraram ações não poderiam adquirir um volume de papéis superior ao percentual de controle na mão do governo e de grupos nacionais. O objetivo era evitar que a empresa se afastasse das suas origens. Há duas semanas, o governo chegou a anunciar que venderia Furnas com base nessa idéia de pulverização. Mas, no começo desta semana, o ministro das Minas e Energia, Rodolfo Tourinho, já começou a pro-

INSTITUTO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte ISTO É

Data 21/6/2000 Pg 13

Class. 25

por outras coisas. Ainda não está muito claro qual será o modelo adotado.

ISTOÉ – *A Coppe pretende apresentar alguma sugestão para o governo para evitar uma crise elétrica de grandes proporções?*

Pinguelli – Estamos preparando um documento que será entregue ao governo. Vamos apresentar soluções de curto, médio e longo prazos. No curto prazo, defendemos a idéia de que o governo precisa atuar como corpo de bombeiro. Isto é, usar a geração de energia distribuída para que a indústria possa gerar a própria energia elétrica. No médio prazo, as termoeletricas são mesmo a alternativa. No longo prazo, o Brasil precisa usar seu potencial de hidreletricidade.

ISTOÉ – *Como o sr. avalia a atuação das autoridades da economia no processo de privatização das estatais de energia elétrica?*

Pinguelli – A privatização do setor elétrico sempre esteve a cargo da área econômica do governo. Nunca se levou em consideração os alertas feitos pela área técnica. Não é à toa que foram cometidos tantos erros. O próprio relatório da empresa de consultoria Coppers & Lybrand era extremamente malfeito. Os ingleses não entendem nada do setor elétrico brasileiro. A falta de apoio às decisões técnicas do modelo de privatização levou, inclusive, ao surgimento de preocupações dentro do próprio Ministério do Planejamento. Foi aí que o governo decidiu transferir a privatização do setor elétrico para o Ministério das Minas e Energia. Considero a Fazenda um Ministério cego, um verdadeiro perigo para a Nação. Não porque o ministro Pedro Malan seja bom ou mau. O problema é que ele é cego e só se preocupa em controlar a inflação. Ele é um completo desvairado.

ISTOÉ – *Por que o governo reviu o modelo de privatização de Furnas anunciado há duas semanas?*

Pinguelli – Está havendo um jogo de pressão em cima do governo para adaptar o modelo de privatização de Furnas. Acho lamentável que o poder público ceda às pressões, entregando as decisões do setor elétrico aos estrangeiros. Eles agora estão exigindo tudo para fazer as

termoeletricas. Querem ainda que a Eletrobrás seja obrigada a comprar tudo o que for gerado. É um negócio sem risco para o investidor. Além do mais, o BNDES, a Petrobras e a Eletrobrás terão de ajudar nos investimentos.

ISTOÉ – *A privatização é ou não um bom negócio?*

Pinguelli – Bom nada, privatização é um excelente negócio e muita gente enriquece com ela. O empresário paulista Benjamin Steinbruch e o Opportunity são dois exemplos. Além deles, temos os profissionais liberais que trabalhavam nas estatais e trocaram o emprego por um cargo numa empresa privada. O salário pulou então de algo em torno de R\$ 6 mil para cerca de R\$ 40 mil. Houve uma imensa cooperação. A privatização movimentou uma

o meu julgamento ético. O ministro Rodolfo Tourinho chegou a reclamar de mim para pessoas do meu convívio pessoal. Tenho vários ex-alunos trabalhando no governo federal. E essas pessoas me repassaram as queixas do ministro Tourinho. Ele parece ter se esquecido de que as relações pessoais estão sempre acima das divergências políticas.

ISTOÉ – *O sr. desaprova também a política nuclear brasileira?*

Pinguelli – O nosso país tem uma questão idiossincrática em relação à questão nuclear. A França, por exemplo, tem uma produção maciça nessa área. Ela não está em expansão porque não precisa aumentar sua produção. Os Estados Unidos ainda têm o maior reator nuclear do mundo, mas não há contratação de mais nenhum serviço.

A Alemanha, por sua vez, mantém um programa nuclear moderado e a Itália tende a ser contra a energia nuclear. Japão, Coreia e China estão expandindo a sua produção nuclear. Na América Latina, o Brasil, a Argentina e o México são os únicos países com programas nucleares. O problema é que, no Brasil, o programa consumiu volumes enormes, que ultrapassam US\$ 10 bilhões. Angra I e Angra II enfrentam sérios problemas de segurança. E o PT, que domina a Prefeitura de Angra dos Reis, está completamente amortecido pela questão dessas duas usinas nucleares, porque está mais preocupado com a questão econômica. É um erro político gravíssimo.

ISTOÉ – *Os técnicos e especialistas nos vários escalões do governo não têm autonomia para tentar se contrapor a medidas que consideram equivocadas?*

Pinguelli – Existe no governo uma hierarquia interna muito séria. Até mesmo pessoas colocadas em áreas estratégicas assumem uma posição subalterna e acabam aceitando as regras do jogo. Grande parte dos erros na área de energia elétrica ocorreu pelo absoluto desprezo da área econômica do governo em relação às sugestões, às propostas e aos projetos da área técnica. Essas minhas reclamações já chegaram até aos ouvidos do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, por exemplo. Mas parece que nada adianta, eles não ouvem. ■

A Fazenda é um ministério completamente cego, um verdadeiro perigo para a Nação

Não que Malan seja bom ou mau. O problema é que ele só se preocupa em controlar a inflação. É um completo desvairado

dinheirama, portanto envolve grande grupos e os negócios e as comissões que se derivam desses negócios.

ISTOÉ – *Comenta-se que o ministro das Minas e Energia, Rodolfo Tourinho, chegou a reclamar do sr., que ocupa cargo numa universidade federal, e pediu explicações ao diretor da Coppe. Seu atrito com o ministro foi em função do apagão de março do ano passado?*

Pinguelli – Não tenho de obedecer a nenhum ministro. Ministros servem ao governo; a universidade, não. Se o governo decidir por decreto-lei que está revogada a Lei de Newton, de modo que, quando um peso for jogado, ele deverá subir e não cair, não sou obrigado a concordar com isso. Tenho condições de opinar qualificadamente, além de ter